

## **A emergência de novos gêneros do discurso em decorrência do deslocamento do suporte<sup>1</sup>**

Glória Dias Soares Vitorino<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este texto resulta de uma reflexão sobre a percepção de sujeitos-leitores – professores em processo de formação inicial – quanto a uma possível relação entre mesmo texto / novo suporte / diferente gênero do discurso, considerando-se, como quadro teórico central, uma perspectiva bakhtiniana de gênero, além de outros estudos complementares. Para a coleta de dados, tomaram-se, como base, cinco categorias previamente selecionadas pelo professor-pesquisador, a saber: intencionalidade, público-alvo, estratégias lingüísticas e textuais, suporte, gênero do discurso. No estudo realizado, em situação de ensino-aprendizagem, instigaram-se os sujeitos da pesquisa a se valerem das categorias selecionadas para se darem conta dos inúmeros desvios e deslocamentos em que cada vez mais os textos podem estar envolvidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sujeitos-leitores; Gêneros de Discurso; Suporte.

### **ABSTRACT**

This text is the result of a reflection on the perception of subject-readers – teachers in the training process – about a possible relationship between same text / new media / different discourse genre, considering, as central theoretical framework, a view of the Bakhtin genre and additional studies. For data collection, five categories previously selected by the teacher-researcher were taken as a basis, namely intent, target audience, textual and linguistic strategies, support, and discourse genre. In the study, in the teaching-learning situation, the subjects were instigated to use the categories selected to realize the numerous abuses and displacement that the texts may be involved.

**KEYWORDS:** Subject-readers; Discourse genres; Support.

---

<sup>1</sup> The emergence of new discourse genres due to support displacement.

<sup>2</sup> Doutoranda em Língua Portuguesa e Lingüística - Programa de Pós-Graduação em Letras, da PUC/MINAS-BH. Professora de Língua Portuguesa – UnilesteMG. Integrante do Grupo de Pesquisa “Leitura, produção de Textos e Construção do Conhecimento” – LePTCco – PUC/MINAS.

## **1 MESMO TEXTO, NOVO SUPORTE, DIFERENTES GÊNEROS DO DISCURSO**

A circulação de um mesmo texto em diferentes suportes é um fenômeno que se pode constatar com certa facilidade. Já a percepção desse fenômeno pelo sujeito-leitor e sua implicação no reconhecimento da “identidade” de um gênero do discurso requer um estudo mais atento. E é justamente esse o foco central deste estudo, no qual se instigaram sujeitos-leitores a se valerem das categorias previamente selecionadas (intencionalidade, público-alvo, estratégias lingüísticas e textuais, suporte, gênero textual) para se darem conta dos inúmeros desvios e deslocamentos em que cada vez mais os textos podem estar envolvidos e, por conseguinte, os gêneros do discurso. Gêneros do discurso são fenômenos históricos, relativamente estáveis, no que diz respeito à forma e à função e se relacionam a critérios sócio-culturais de produção da linguagem, envolvendo, necessariamente, aspectos cognitivos e discursivos na sua constituição. A atribuição de sentidos a textos, bem como suas possíveis formas de organização têm sido objeto de estudo de pesquisadores em estudos lingüísticos. Um dos focos tem sido sobre os tipos de conhecimento e de informações que o ser humano precisa ao significar textos. Assim considerando, neste trabalho, investigaram-se, a partir de registros de leitura, o reconhecimento (ou não) da “identidade” de certos gêneros do discurso em face do deslocamento do suporte a que foram submetidos, propositalmente, pelo professor-pesquisador.

## **2 SUJEITOS DA PESQUISA E SITUAÇÃO DA COLETA DE DADOS**

Participaram das cinco atividades de leitura propostas 31 (trinta e um) graduandos do 7º período de um curso de Letras, um dos seis cursos de Licenciatura oferecidos por um Centro Universitário situado na microrregião do Vale do Aço, interior de Minas Gerais. Em situação de ensino-aprendizagem, esses sujeitos foram convidados a fazer a leitura de mesmos textos que se configuravam em diferentes gêneros do discurso.

## 2.1 Sujeitos da pesquisa

A escolha de graduandos de um curso de Letras para se proceder à coleta de dados, deveu-se, especialmente, aos seguintes fatores:

- i) Os alunos desse curso vinham desenvolvendo estudos formais de natureza teórica e prática sobre os gêneros no semestre em que ocorreu a coleta de dados, o que poderia nos indicar prováveis níveis de avanço e/ou de dificuldades frente a essa atividade de leitura.
- ii) A faixa etária desses alunos situava-se entre 22 (vinte e dois) e 40 (quarenta) anos de idade, aproximadamente. Isso nos indicava que um bom número desse grupo esteve entre dez e até mesmo vinte anos, distante de atividades escolares formais.
- iii) Esses alunos se encontravam a apenas um semestre do final do curso e se propunham a assumir a profissão de professores de língua/linguagem, portanto, tornar-se-iam profissionais responsáveis pela formação de novos leitores.

E, por se tratar de um curso de Letras, a disciplina Língua Portuguesa vinha sendo oferecida aos sujeitos da pesquisa em todos os períodos do curso pesquisado. Um dos objetivos principais desse curso é contribuir para a formação de sujeitos-leitores mais atentos a certas dimensões da linguagem constitutivas do sentido. Além disso, um estudo mais formal sobre os gêneros do discurso vinha sendo realizado a partir do 7º período, na turma em que se situavam os sujeitos da pesquisa. Esse fato nos indicava que algumas categorias a serem analisadas, neste estudo, vinham sendo, progressivamente, trabalhadas nessa turma. Também, já eram objeto de estudos teóricos e práticos, além de outras, as categorias nas quais a coleta de dados se baseou. Ao selecionar tais categorias o intuito era investigar se a atribuição de asserções de natureza descritiva (referências) a mesmos textos (referentes) veiculados em diferentes suportes poderia ser um dos fatores determinantes para o reconhecimento da “identidade” de certos gêneros do discurso, considerando-se que os gêneros apresentam uma “relativa estabilidade” (BAKHTIN, 2000, p. 279). Essa foi uma das principais motivações que levaram

à escolha de categorias que permitissem compreender o processo de referenciação dos gêneros, segundo os postulados teóricos adotados.

## **2.2 Abordagem e construção do *Corpus***

Para a constituição do corpus, foram propostas aos sujeitos da pesquisa cinco atividades de leitura. Essas atividades, foram denominadas atividades I, II, III, IV e V. Os exercícios foram realizados individualmente na própria sala de aula, com o acompanhamento do professor-pesquisador, num único momento, em três horas-aula subseqüentes. A atividade I consistiu na leitura em voz alta, apenas pelo professor-pesquisador, de um “poema” que aborda, numa linguagem predominantemente técnica e descritiva algumas funções do coração, órgão do aparelho circulatório. Para os registros, os sujeitos apenas ouviram a leitura do referido texto pelo professor-pesquisador, não tendo, pois, acesso ao texto escrito, neste caso.

Para a realização das atividades II, III, IV e V, utilizou-se o mesmo texto, porém em novos suportes, de modo que, após tal deslocamento, o texto passou se configurar como os seguintes gêneros (ou a depender de seu suporte): poema, texto didático, divulgação científica e miniconto. Para a realização dessas duas atividades de leitura, propositadamente, esses textos foram submetidos pelo professor-pesquisador a duas interferências. Em primeiro lugar, eliminou-se a organização inicial em versos e estrofes e dispôs-se o texto em tradicionais parágrafos. Em segundo lugar, promoveu-se um deslocamento desses textos – de um livro de poemas para um livro didático, de um livro didático para uma revista publicitária –, respectivamente. Nesse caso, a revista selecionada circula em consultórios médicos e/ou em salas de espera de consultórios médicos. Já o texto V, sem nenhuma alteração, fora tomado como base para as demais atividades e circulou, de fato, numa revista semanal dirigida ao público adolescente – revista Capricho.

Na realidade, os quatro primeiros textos foram, propositadamente, reconfigurados pelo professor-pesquisador, de modo a provocar mudanças em sua forma e/ou função, com o intuito de investigar sujeitos da pesquisa significando tais textos, considerando-se esses novos determinantes e, de modo especial, a mudança do suporte. Com esse deslocamento, os textos

oferecidos à leitura passaram a emergir em diferentes práticas discursivas<sup>1</sup>, além de se configurarem em gêneros do discurso diversificados e evidenciarem perspectivas diferentes sobre o assunto abordado. Para a realização dessa atividade, partimos do pressuposto de que esses desvios pudessem favorecer ao sujeito-leitor a percepção dos deslocamentos que levam à dispersão que, normalmente, envolve um processo de leitura. Portanto, de construção de sentidos.

Antes de dar início à primeira atividade, procuramos refletir com os sujeitos participantes da pesquisa sobre o motivo da realização do exercício, ressaltando a importância da atividade para o redimensionamento das práticas de leitura nos meios institucionais de educação formal. Na proposta de leitura I, os alunos foram convidados a analisar as categorias selecionadas (asserções descritivas), apenas a partir da audição do texto lido pelo professor-pesquisador.

Nas cinco atividades realizadas, os sujeitos-leitores preencheram o formulário proposto pelo professor, tendo como base as categorias previamente selecionadas.

Na atividade II, apresentou-se uma nova proposta de leitura. Nessa atividade, os alunos tiveram acesso ao texto escrito, que se tratava do mesmo texto da atividade inicial, anteriormente lido pelo professor-pesquisador. Organizou-se o referido texto em versos e estrofes, de forma a produzir novos jogos semânticos, favorecendo sua caracterização como poema. Nesse caso, solicitou-se aos sujeitos-leitores apenas uma leitura cuidadosa do texto, de modo que pudessem, a partir da leitura feita, preencher, em formulário próprio, características do texto, tendo em vista as categorias selecionadas, não havendo, nessa proposta, qualquer orientação mais precisa.

Na terceira atividade, apresentou-se o mesmo texto inicial, em um novo suporte – um livro didático. Esse deslocamento de suporte e as demais alterações foram feitas estrategicamente pelo professor-pesquisador. Nesse caso, o texto foi apresentado aos alunos com indicação de

---

<sup>1</sup> Práticas discursivas, neste trabalho, são pensadas como variantes de *formações discursivas* que são, na verdade, “grupos sociais dentro dos quais podemos identificar conjuntos de gêneros que, às vezes, lhes são próprios como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas” (MARCUSCHI, 2002, p. 24).

página, capítulo, título, tradicionais parágrafos acompanhados de perguntas, ilustração e mais três pequenos textos completos. Além disso, solicitou-se aos sujeitos da pesquisa que, ao resolverem a questão, levassem em consideração e apontassem, por escrito, as categorias (referências) e o respectivo referente (texto), de modo a remetê-lo a um determinado gênero do discurso.

A quarta questão constituiu-se da leitura do mesmo texto em um novo suporte – a página de uma revista publicitária da área médica (*Médicorepórter-maio/2002*, p.65). Ao final do texto, constava o *e.mail* do Laboratório Aché, tradicional fabricante de remédios. O texto foi colocado em meio a outros textos, tais como bula de remédio, comunicado, divulgação de eventos. Solicitou-se aos sujeitos-leitores que, ao responderem à questão, considerassem todas as informações oferecidas na referida página.

Por fim, para a quinta e última atividade de leitura, tomou-se, como base, um texto cuja especificidade era dispor de uma configuração formal híbrida, em que seqüências descritivas se alternam, com regularidade, a seqüências narrativas, de modo a se configurarem, mesmo isoladamente, em dois diferentes gêneros do discurso. Todos os textos trabalhados nas atividades anteriores são fragmentos (seqüências descritivas) do texto V – um miniconto. Nessa atividade, trabalhou-se a mesma proposta anterior, isto é, atribuir referências ao texto, tendo como base algumas categorias que já vinham sendo trabalhadas nas atividades anteriores.

Para a seleção dos registros de leitura utilizados para análise, foram consideradas as pistas e marcas lingüísticas que os sujeitos-leitores consideraram significativas a ponto de trazê-los à mostra em suas “respostas”, de modo especial, as que denotam o referente (textos selecionados).

### **3 REFERENTE/REFERÊNCIA/PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO**

Na realização deste estudo, considerou-se o referente como sendo o “mundo ou objeto que a referência pretende descrever ou transformar” (DUCROT, 1994, p.419). Nesse caso, a palavra

“embora se declarando senhora da realidade, reconhece a realidade como algo que lhe é exterior” (DUCROT, *op. cit.*). Isso implica a exigência de que a palavra alude, necessariamente, a uma exterioridade. Na realidade, essa propriedade é que a constitui. No caso desta investigação, para se estabelecer a referência, os sujeitos da pesquisa apoiaram-se, basicamente, na observação de mudanças de aspectos formais e funcionais, decorrentes dos deslocamentos de suporte. Há que se ressaltar aqui certo paradoxo. O referente é exterior ao discurso, mas ao mesmo tempo está inscrito nele (DUCROT, *op. cit.*). Acerca desse ponto, Ducrot (*op. cit.*), afirma:

Se é a minha palavra que indica aquilo de que falo, se é ela que especifica o seu objeto como poderia ela ser desmentida por esse objeto que a si própria se dá? Se não se pode saber do que falo senão através do que digo, então como é que aquilo de que falo pode ser diferente do que digo acerca dele? Mas se o referente de um discurso não pode desmentir este discurso sem deixar de ser o seu referente, que sentido faz distinguir um do outro? Como admitir uma alteridade entre duas entidades que não podem apresentar nenhuma diferença?.

A esse respeito, cabem alguns questionamentos: As referências atribuídas a um determinado referente (texto) poderiam ser desmentidas pelo próprio referente (texto)? Apontar um referente (texto) a partir de asserções descritivas (referências) seria uma atividade suficiente para se saber de que “tipo” de texto falo? O texto de que se fala poderia ser diferente daquilo que se afirma a seu respeito? O sucesso da referência depende da verdade da descrição?

Essas questões nos levam a buscar uma distinção entre sentido e referente, ou seja, entre a expressão e o objeto que ela refere ou ainda o “pensamento ligado à expressão” (DUCROT, 1994: 423). Isso implica a existência ou não de limites para a produção de significações, bem como a consideração dos “pensamentos” mediante os quais os objetos são representados. Neste estudo, significa levar em conta o modo como as condições de produção de leitura, bem como as novas condições de produção do texto (papéis representados pelos interlocutores, imagens recíprocas, suportes, intencionalidade) podem interferir no processo de referenciação dos textos (referentes) pelos sujeitos envolvidos nesta pesquisa.

Na verdade, o que se procurará examinar é em que medida o acesso a mesmos textos em novos suportes, além de outras relações explícitas ou implícitas decorrentes desses deslocamentos, pode favorecer ou não aos leitores o reconhecimento da “identidade” de alguns gêneros do discurso. Entre as categorias selecionadas para as atividades de leitura, as quatro primeiras privilegiam o processo de referenciação, tais como intencionalidade, público-alvo, estratégias lingüísticas e textuais, suporte. Já a última, gênero, remete-nos a um referente – texto. Na análise de *corpus*, focalizamos, sobretudo, a categoria gênero. A escolha das categorias teve por objetivo investigar diferentes movimentos de sentido realizados pelos sujeitos da pesquisa em face do deslocamento dos textos para novos suportes.

#### **4 GÊNEROS TEXTUAIS: PRODUTOS DA ATIVIDADE HUMANA DE LINGUAGEM**

Neste estudo, consideraram-se os gêneros do discurso como sendo fenômenos históricos que se relacionam a aspectos culturais e sociais, o que está em consonância com uma abordagem discursiva de linguagem. Nessa situação, a língua é pensada como manifestação do discurso na enunciação, em decorrência das ações do homem em suas interações sociais. Dessa forma, os gêneros contrapõem-se à concepção que vem sendo dada usualmente ao texto quando se adota uma concepção de língua como sendo um sistema abstrato e já estruturado, com normas fixas e mesmo imutáveis. Como concebemos a língua como sendo mais que uma abstração e um sistema ordenado, os gêneros não estão sujeitos a uma classificação meramente estrutural. É necessário considerar também as marcas não lingüísticas da interação, o que nos leva ao imperativo de se considerar a situação de produção como parte constitutiva dos gêneros que emergem das mais variadas esferas sociais.

Todas as esferas da atividade humana, “por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua”. Por isso, não é de se surpreender “que o caráter e o modo dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana”. O enunciado, por sua vez, “reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, mas também e, sobretudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2000, p. 279 ). Desse ponto de vista, “qualquer

enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2000, p. 279 ).

Enfim, não se pode falar de gêneros sem pensar na esfera de atividades em que se constituem e atuam, aí implicadas suas condições de produção, de circulação e de recepção. E isso é muito mais importante e constitutivo do gênero que as seqüências de um texto, das quais várias tipologias textuais dão conta (BAKHTIN, 2000, p. 279). Bronckart (1999), por sua vez, retomando Bakhtin (1999 [1929]), afirma que os gêneros podem ser vistos como um princípio de estabilização das experiências comunicativas. Como nos comunicamos por meio de textos, que se configuram em diversificados gêneros, os quais têm relativa estabilidade, tal fenômeno nos aponta para diferentes possibilidades de construção do sentido. Por exemplo, não se lê uma descrição técnica ou um artigo científico como se lê um poema ou um miniconto (PAULINO *et al*, 2001, p.37). Para muitos leitores, suportes como o livro são mais dignos de confiabilidade que outros, a exemplo do jornal e algumas revistas, a ponto de muitos considerarem como sendo verídicas, duráveis e até mesmo sacralizadas algumas publicações só pelo fato de que se valem do suporte livro (PAULINO *et al*, 2001). E isso chega a tal ponto que, para muitos, só é leitor quem lê livros. Além disso, muitos outros critérios são ainda possíveis, como, por exemplo, o conteúdo temático abordado (ficção científica, romance, policial, receita culinária (BRONCKART, 1999, p. 73).

Mesmo considerando tais critérios, é preciso ressaltar o perigo de se categorizarem os gêneros, partindo de uma mentalidade normativa, reguladora e rotuladora, pois isso pode sugerir que os falantes estariam impossibilitados de criar, modificar, alterar um gênero, como se a estrutura composicional e o estilo fossem características de um gênero a que os falantes teriam que se sujeitar. Em muitas situações, o ato de classificar por si só é questionável e, em se tratando de gêneros textuais, isso não é muito diferente, principalmente porque os gêneros não são “instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa”, ao contrário, “caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” (MARCUSCHI, 2002, p. 20).

Também a questão da classificação é controversa sob vários pontos de vista. As razões disso são muitas. Por exemplo: i) toda classificação é um recorte de fenômenos culturalmente determinados e não naturalmente constituídos; ii) toda classificação defronta-se com uma enorme variação nos fenômenos a classificar. Soma-se a isso, o fato de que “dificilmente uma classificação será definitiva e exaustiva, ou seja, toda classificação tende a ser parcial e provisória”. Em muitos casos, como o dos gêneros, “a classificação é, sobretudo, uma nomeação de rotinas”. Às vezes, “a confusão é tal que numa dada realização lingüística não sabemos sequer se temos um ou dois textos” (MARCUSCHI, 2002, p. 5).

Ressalta-se, também, a enorme quantidade de textos hoje existentes, tanto na oralidade quanto na escrita, devido, principalmente, às inovações tecnológicas. Quando se trata da caracterização do texto como pertencente a este ou àquele gênero, vemos que as funções comunicativas, cognitivas e institucionais têm um peso muito superior às particularidades lingüísticas e estruturais. Por isso, os gêneros devem ser contemplados como práticas sócio-discursivas (MARCUSCHI, 2002, pp.20-36). Por exemplo, “um trabalho publicado numa revista científica ou num jornal diário não tem a mesma classificação na hierarquia de valores da produção científica, embora seja o mesmo texto”. Podemos dizer assim que as expressões “mesmo texto” e “mesmo gênero” não são automaticamente equivalentes, desde que não estejam no mesmo suporte” (MARCUSCHI, 2002, p. 20).

Já em se tratando dos grandes suportes tecnológicos da comunicação, tais como a televisão e a Internet, pode-se dizer que esses canais vêm propiciando o surgimento de novos gêneros cujas características são bastante peculiares, como as teleconferências, as “cartas” eletrônicas (*e-mails*), os bate-papos virtuais, as aulas virtuais, as videoconferências e outros, embora se saiba que todos eles se apóiem em gêneros já existentes (MARCUSCHI, 2002, pp.20-36). Outro aspecto a considerar é a relação forma / função e sua relevância na configuração final de um determinado texto.

Em muitas situações, “são as formas que determinam o gênero” e, em outras, “serão as funções” (MARCUSCHI, 2002, p. 21). Contudo haverá casos em que será o próprio suporte

que determinará o gênero. E é exatamente esse aspecto que se discute no item seguinte, com base em referências que os sujeitos da pesquisa trouxeram à tona nos seus registros de leitura. A partir dos registros, foi possível observar sujeitos-leitores, atribuindo sentido a mesmos textos veiculados em diferentes suportes. Os resultados deste estudo são apresentados a seguir.

### **5 TEXTO E SUPORTE: PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO SENTIDO**

Conforme se viu, os sujeitos da pesquisa realizaram cinco atividades de leitura. Todas as atividades tiveram como principal objetivo investigar a percepção dos sujeitos-leitores sobre a emergência de novos gêneros do discurso, em decorrência do deslocamento “mesmo texto / diferente suporte”. Na análise de *corpus*, cujos registros são decorrentes da primeira atividade de leitura, sobre a categoria gênero, vimos que os dados obtidos apontam, inicialmente, para uma unanimidade: (1) Para a maioria quase absoluta (30 em 31), o texto lido pelo professor-pesquisador configurava-se num artigo científico.

Nesse caso, o texto lido não se tratava de um artigo, e sim de um poema cuja linguagem era de caráter descritivo-técnica. Ao evidenciar esse resultado, não se pretende afirmar que nomear um gênero garanta um diálogo pleno com o texto. O que se defende é o fato de que o reconhecimento da “identidade” de um gênero pode instigar os sujeitos-leitores a realizarem conexões múltiplas, a se darem conta da não-linearidade do texto, a evidenciarem suas condições de produção/recepção.

Consultado o *corpus*, pode-se também observar que entre as cinco categorias analisadas, duas parecem ter sido as mais significativas para o “reconhecimento” dos gêneros: público-alvo e estratégias lingüísticas. O resultado a seguir parece confirmar essa suposição.

(2) Dentre os trinta e um sujeitos da pesquisa, dezesseis registraram, após ouvirem a leitura do texto, que se tratava de um texto direcionado a estudantes de medicina; nove disseram que o texto se dirige a médicos; cinco, a pacientes e cientistas. Apenas um afirmou que se dirige a leitores da Revista Istoé.

(3) Praticamente todos os alunos registraram a ocorrência de uma linguagem técnica, descritiva, formal e científica, não necessariamente nessa ordem.

É possível verificar que características da linguagem percebidas e apontadas nos registros podem ter sido um dos fatores determinantes na categorização do gênero (artigo científico). A atividade de leitura II foi realizada a partir da leitura de um poema, de caráter técnico-descritivo. Na verdade, exatamente o mesmo texto lido pelo professor-pesquisador na atividade I. Nessa nova proposta, o diferencial é que, os alunos, em vez de apenas ouvirem a leitura do texto, puderam vê-lo, tocá-lo, portanto, observar sua configuração formal diferenciada (versos e estrofes). O intuito era investigar se esse novo fator atuaria ou não como elemento regulador e/ou condicionante da leitura. Os dados obtidos em relação a essa atividade nos apontaram o seguinte resultado:

(4) Dentre os trinta e um sujeitos da pesquisa, vinte e cinco afirmaram que se tratava de um poema; quatro disseram tratar-se de um texto literário; dois o registraram como texto científico.

(5) A maioria absoluta (31 em 31) dos sujeitos-leitores, em seus registros, ressaltou aspectos específicos da configuração formal do texto, tais como o uso de versos e estrofes, o jogo semântico, a presença de antítese.

Nesse caso, o reconhecimento de aspectos relativos à configuração formal do texto pode ter sido um fator fundamental na “identificação” do gênero. De fato, tratava-se de um poema, conforme registrado pela maioria do grupo. Na atividade de leitura III, solicitou-se aos sujeitos a leitura do mesmo texto, porém apresentado em parágrafos e inserido, propositadamente, em uma página de um livro didático, na qual se ressaltavam títulos, gráficos, ilustrações, perguntas para serem respondidas pelo aluno. Os resultados dessa atividade são os que se seguem:

(6) Em 31, dez registraram “artigo científico”; nove disseram “texto científico”; quatro afirmaram tratar-se do gênero “aula”; três disseram “texto informativo”; três não se manifestaram; um acredita tratar-se de um “editorial”; e, por fim, um registrou “resumo”.

A mudança de suporte parece ter sido um determinante para a dispersão de dados ocorrida. Embora todos os alunos tenham afirmado que o suporte era um livro didático e o público-alvo eram estudantes – o que, de fato, se confirma – essa constatação não foi suficiente para que considerassem o texto como sendo um texto didático. Pôde-se verificar que foi bastante significativa a constatação de que novas condições de produção de leitura resultam em nova leitura, portanto, novos sentidos.

Quanto à atividade IV o principal objetivo era instigar nos sujeitos-leitores a percepção de uma nova instância enunciativa, considerando-se a mudança de suporte – de livro didático para uma revista publicitária. No que diz respeito à “identificação” do gênero, constatou-se que:

(7) Oito sujeitos afirmam tratar-se de um texto científico. Em relação aos demais leitores, observou-se uma total dispersão: conferência, *e.mail*, editorial, reportagem, propaganda, comentário, texto informativo, verbete de enciclopédia, texto jornalístico, divulgação científica e revista, respectivamente.

Observa-se, ainda, que o termo revista remete à noção de suporte e não de gênero. Também em relação à atividade IV, constatou-se que os resultados indicam que apenas um aluno nomeou o texto adequadamente, considerado o novo suporte. Quanto aos demais resultados, pode-se afirmar que o veículo revista publicitária, da área médica, provocou nos leitores a maior dispersão quanto à correlação referência/referente, entre as cinco atividades de leitura realizadas. Por fim, os dados obtidos com base na análise dos registros da atividade V são os seguintes:

Doze sujeitos afirmaram tratar-se de uma crônica; seis não responderam; quatro o identificaram como relato; dois registraram artigo; dois anotaram texto literário; dois escreveram científico-literário; dois alunos o consideraram conto; e, por fim, um participante registrou o gênero piada.

Ainda a propósito dessa questão, podem-se perceber mais alguns resultados significativos. Por exemplo, embora todos os alunos tenham reconhecido a revista como sendo o suporte e os leitores da revista *Capricho* como sendo o público-alvo, essa constatação não foi suficiente para que os sujeitos da pesquisa considerassem a natureza literária do último texto que lhes fora apresentado para leitura.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisados os registros escritos resultantes das cinco atividades de leitura propostas, os dados obtidos indicaram que os deslocamentos de suporte provocaram uma certa instabilidade em relação ao reconhecimento da “identidade” dos gêneros do discurso. Pode-se dizer, ainda, que a mudança de suporte bem como a nova configuração formal dos textos parecem ter sido fatores fundamentais para a dispersão ocorrida, em muitos casos. Constatou-se, também, que os resultados obtidos em relação às atividades IV e V se apresentaram bem abaixo dos obtidos nas três primeiras questões. Esses resultados levam a pressupor que algumas dimensões da linguagem que poderiam levar os sujeitos a uma leitura mais atenta a certos aspectos do texto vão sendo deixadas de lado à medida que os leitores avançam na área específica de sua formação acadêmica. E isso pode desencadear uma perda em relação a um diálogo mais produtivo com o texto, uma vez que cada gênero estruturado discursivamente emerge num contexto social determinado que supõe uma capacidade de ação do interlocutor para seu uso efetivo e eficaz.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. {Volochinov}. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. LAHUD M. & VIEIRA Y. F. São Paulo: HUCITEC, 1999. (original de 1929).
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In **Estética da Criação Verbal**. Trad. PEREIRA, Maria E.G. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (p. 277-326), (original de 1979).

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo.** Tradução MACHADO, Anna Rachel e CUNHA Péricles. São Paulo: EDUC, 1999.

DUCROT, Oswald. **Referente.** Enciclopédia Einaudi – Enunciação. Lisboa : Imprensa Nacional, 1994, ( p.418-438).

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In PAIVA, Ângela *et al* (orgs). Gêneros Textuais e Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, (p.19-36).

PAULINO *et al.* **Tipos de textos, modos de leitura.** Belo Horizonte: Formato, 2001.